**TÍTULO: “AUTOHEROÍSMO” e “OUTROMIZAÇÃO”: SENTIDO DA VIDA, PROGRESSO E VIOLÊNCIA NO ROMANCE *A MORTE E O METEORO* (2019), DE JOCA REINERS TERRON**

**Instituição:** Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS/Campo Grande.

**Área temática:** Linguística, Letras e Artes.

**LIBERATO,** Daniel Barros1 ([danielbarrosliberato4@gmail.com](mailto:danielbarrosliberato4@gmail.com)).

1 – Graduando em Letras – Licenciatura – Português/Espanhol.

O presente estudo tem por finalidade compreender, a partir do texto literário, as contradições presentes no que muitos entendem como “progresso”, e como a busca desenfreada por ele resulta na exploração ou negligência com a vida das pessoas e sua consequente desumanização. Este “progresso” buscado pode ser tanto coletivo, como o desenvolvimento econômico de uma nação e avanços científicos, ou mesmo individual, a exemplo de um ganho na carreira ou preenchimento de um vazio existencial. Assim, este trabalho propõe, por meio de uma metodologia bibliográfica e comparativa, uma análise do romance *A Morte e O Meteoro*, de Joca Reiners Terron, publicado pela primeira vez em 2019, que exemplifica bem essa problemática. A narrativa representa a maneira pela qual os povos originários sofrem com o processo de “outremização” feito pelo homem branco, na medida em que, desde o período colonial, são violentados e explorados de diversos modos. Os kaajapukugi, etnia fictícia retratada no livro, são inicialmente agredidos pelo Estado, latifundiários, garimpeiros e afins, que buscam riquezas nas terras desse povo e não se importam em violentá-los para consegui-las. Todavia, logo a desumanização do “outro” atinge mais níveis, como quando Boaventura e o funcionário mexicano, figuras importantes no livro, se apropriam da luta pela causa indígena como uma mera forma de lidar com o luto e encontrar um sentido para as próprias vidas, crescer na carreira, ou, no caso do primeiro, “avançar” na ciência; esvaziando o real significado daquela tribo, que está prestes a ser extinta. Não obstante, o homem branco se enxerga como herói, em mais uma demonstração do ato de desumanizar o “outro”, tirando-lhe o papel de protagonista e o colocando em segundo plano, mesmo que seja a vida do “outro” a que está em risco, estereotipando-o, também, ao utilizar adjetivos como “selvagem” para defini-lo. Portanto, conclui-se que a colonização europeia na América Latina continua tendo impacto mesmo após a libertação dos países, com a perpetuação de uma lógica colonial interna, de que a vida de determinados grupos sociais vale mais do que a de outros. Na obra de Terron, por exemplo, personagens que não são colonizadores agem como tal, violentando e explorando indígenas em muitas situações, ainda que seu dever fosse ajudá-los. Ademais, a visão do homem branco é, no geral, individualista, mesmo quando se expressa de modo coletivo, por meio do nacionalismo exacerbado e da ciência, já que transforma as pessoas de outras culturas em “outros”. Isso, quando ocorre, facilita a busca do homem branco pelo “progresso”, uma vez que ele já não se importa com a vida do “outro”, por não o considerar humano.

**PALAVRAS-CHAVE:** outro, colonização, desumanização.

**AGRADECIMENTOS:** Este trabalho conta com auxílio financeiro - bolsa de Iniciação Científica - da Fundect- MS, por meio da Chamada Fundect nº 31/2021 - Universal 2021 - ODS, Termo de Outorga 290/2022.